



A escrita da História da Educação: distâncias e proximidades na apropriação de fontes e métodos no caso das produções de Portugal, França, Espanha e Brasil¹

Writing history of education: distances and proximities on the appropriation of sources and methods in Portugal, France, Spain and Brazil.

La escritura de la historia de la educación: distancias y proximidades en la apropiación de fuentes y métodos em los casos de producciones de Portugal, Francia, España y Brasil.

DENICE BARBARA CATANI²

Resumo

O trabalho aqui apresentado retoma alguns dos resultados da investigação realizada sobre a produção de conhecimentos na área dos estudos educacionais e, em especial, sobre a produção dos estudos da história da educação no Brasil. Para tanto recorre à pesquisa dos processos que permitiram a construção e renovação de matrizes interpretativas a partir do exame da produção da área em países que sabidamente estabeleceram, nas últimas décadas, importantes relações acadêmicas com o nosso país, isto é França, Espanha e Portugal. Indicam-se, assim, as relações entre as transformações da escrita histórico educacional no Brasil e nos países citados atentando especialmente para as apropriações decorrentes de intercâmbios, deslocamentos e viagens dos conhecimentos em perspectiva comparada.

Palavras-chave: Produção histórico-educacional, Estudos sócio-histórico-comparados, Escrita da história da educação.

¹ O artigo decorre do desenvolvimento do projeto “A escrita dos estudos educacionais: uma análise das apropriações teóricas na produção histórico educacional (Estudo comparado entre Brasil, Portugal, Espanha e França, 1970-2008)” apoiado pelo CNPq (Bolsa de Produtividade - 2009 e 2012). Parte das ponderações aqui elaboradas foram apresentadas em comunicação (em colaboração com Katiene Nogueira da Silva) no VI Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Educação Comparada realizado em Bento Gonçalves, 2014. Deve-se aqui assinalar um agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Gabriela Ossenbach Sauter que gentilmente nos guiou na localização de informações referentes à produção da História da Educação na Espanha, cedeu materiais e espaço para a pesquisa no ano de 2013.

² Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Professora Titular Aposentada da Feusp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 1B). E-mail: dbcat@usp.br

Abstract

This text presents some of the research results about the production of knowledge in educational studies, mostly brazilian history of education. We analyzed the processes that allowed the construction and renewal of interpretative matrices in the countries that have established important academic relations with Brazil in the last decades: France, Spain and Portugal. We present the links between the changes in history of education writings in Brazil and in those countries, highlighting the appropriations that resulted from interchanges, displacements and travelling of the knowledge in a comparative perspective.

Key words: *education history production, socio-historic comparative studies, writing history of education.*

Resumen

Este trabajo presenta algunos de los resultados de una investigación sobre la producción de conocimiento en el área de los estudios educacionales y, especialmente, sobre la producción de los estudios en historia de la educación en Brasil. Para eso, recurre a la investigación de los procesos que permitieron la construcción y renovación de matrices interpretativas en países que establecieron importantes relaciones académicas con nuestro país em las últimas décadas, a saber Fracia, España y Portugal. Son presentadas asi las relaciones entre los cambios de la escritura histórica educacional en Brasil y en los citados países, com especial atención para las apropiaciones que son resultado de intercambios, desplazamientos y viajes de los conocimientos em perspectiva comparada.

Palabras-clave: *Producción historico-educacional, Estudios socio-históricos-comparados, Escritura de la Historia de la Educación.*

Recebido em: agosto de 2016

Aprovado para publicação em: novembro de 2016

Na origem do trabalho que sustenta o presente artigo figura a questão vital de se compreender a história da educação no quadro da produção de conhecimentos em ciências da educação. Tal constatação sugere a necessidade de entender o espaço científico, acadêmico e de transmissão da área mediante atenção às suas lutas, escolhas, objetos e distribuição de posições dos agentes. Esta ideia norteadora, presente em diversas análises acerca da disciplina, foi também aqui levada em conta. As observações feitas beneficiam-se dos resultados de investigações realizadas sobre a produção de conhecimentos na área educacional e em especial sobre os estudos da história da educação no Brasil. Para tanto recorre à pesquisa dos processos que permitiram a construção e renovação de matrizes interpretativas a partir do exame da produção da área em países que sabidamente estabeleceram, nas últimas décadas, importantes relações acadêmicas com o nosso país, isto é França, Espanha e Portugal. Indicam-se, assim, as relações entre as transformações da escrita histórico educacional no Brasil e nos países citados atentando especialmente para as apropriações decorrentes de intercâmbios, deslocamentos e viagens dos conhecimentos. O projeto original ancorou-se numa delimitação temporal que abrangeu o período desde 1970 até a primeira década do Século XXI.

Aos que se interessam pelos problemas relativos à produção do conhecimento educacional, a consideração dos estudos comparados impõe-se fortemente nos dias atuais. Seja pelas configurações político econômicas, seja pelas inovações peculiares aos diversos domínios das ciências ou pelas promessas que a perspectiva comparada parece fazer para a melhoria da educação. Os estudos acerca dessa relevância da perspectiva comparada são abundantes (Sirota, 2001; Charle, Schriewer e Wagner, 2007; Nóvoa, 1998; Nóvoa e Schriewer, 2000, por exemplo). A questão afigurou-se, aliás, como importante desde há muito e nos primórdios das iniciativas do Bureau International d'Éducation, quando em Genebra se buscava na década de 30 do século XX, reunir os relatórios enviados pelos diversos países dando notícia das situações da educação e dos sistemas de instrução de modo a construir diagnósticos da questão com a maior amplitude e representatividade possível de nações. Muitas controvérsias acerca da comparação se fizeram perceber a partir do confronto das diversas informações disponíveis e o problema de saber que tipo de conhecimento se podia obter desse confronto acabou por figurar, sem dúvida, no cerne da iniciativa. As dimensões da cientificidade da comparação educacional ganharam visibilidade progressiva, foram incrementados os estudos acadêmicos na área e passou-se a considerar que seus resultados ensejavam, de fato, possibilidades concretas de intervenção. Ainda que persistam as polêmicas sobre a natureza dos estudos históricos que se fundam sobre a comparatividade, mesmo assim proliferam análises que buscam remeter a perspectiva para além das dimensões quantitativas ou estatísticas dos fatos e buscar entender processos de criação de sentidos que se concretizam nas várias apropriações de experiências e idéias advindas de lugares diversos (ver a propósito as análises de Nóvoa, 1998 e Schriewer (org.), 2002).

No que diz respeito aos estudos educacionais no Brasil, a vertente da comparação tem tido presença um tanto rarefeita nas diversas instituições. Somente nas últimas décadas e, principalmente no domínio da história da educação têm proliferado os trabalhos e publicações. Jürgen Schriewer (2002) indica essa presença um pouco reduzida ao refletir

sobre o cenário internacional no texto intitulado *Educación Comparada: um gran programa ante nuevos desafios*. Nesse trabalho que integra a obra de sua organização, ele afirma a necessidade de considerar o processo de institucionalização acadêmica da educação comparada que: “não pode ser desvinculada da constituição de sua disciplina-marco, as ciências da educação, uma institucionalização em parte ‘atrasada’, internacionalmente desigual e profundamente dependente das conjunturas político sociais e político-educativas” (SCHRIEWER, 2002, p.13). Uma simples constatação acerca da ausência e até mesmo do expurgo da disciplina nos currículos de formação de educadores, leva até a pensar que se considera dispensável a compreensão sistemática de experiências e realidades do “outro” que, a rigor, poderiam potencializar o nosso entendimento do mundo. Em brilhante argumentação ao longo do artigo, sistematizam-se assim as vicissitudes da comparação em diversos ramos do conhecimento e alerta-se para as possibilidades e dificuldades metodológicas da empreitada. As apostas que encerram a argumentação do autor relacionam-se, em especial a uma ciência da educação histórico comparada: “que não reduzirá a investigação comparativa à simples prova de hipóteses macro sociais nem se converterá em uma mera descrição complacente das particularidades sócio históricas” (SCHRIEWER, 2002, p.34). Indicando elementos teóricos como os conceitos de sentido e autoreferencialidade, por exemplo, ele lembra a importância de se “abrir seu campo temático a diferentes modelos de relações entre os sistemas transculturais e os sistemas histórico sociais” (SCHRIEWER, 2002, p.34).

O objetivo das elaborações que se seguem é apresentar a análise de algumas das relações entre a história da educação produzida no Brasil e Portugal, França e Espanha. Busca-se traçar as linhas gerais das aproximações e distâncias entre tais produções e as configurações específicas assumidas pela pesquisa histórica educacional entre nós. Tenta-se evidenciar o que caracteriza mais fortemente as maneiras de recorrer a autores e obras, fontes e procedimentos de análise em diversos momentos a partir da consideração de diferentes modos de apropriação.

Ao considerarmos o caso do campo educacional brasileiro no período de 1970 ao primeiro decênio dos anos 2000 devemos sublinhar o conhecido papel dos cursos de Pós Graduação no estímulo à produção de conhecimentos e o correlato crescimento da área de História da Educação, por exemplo. O conjunto de iniciativas e sua representação quantitativa inclusive aparecem analisados de modo bastante objetivo e fértil em diversos trabalhos de mapeamento e diagnóstico dos percursos da área, (é o caso de se mencionar, por exemplo, os estudos reunidos na obra de Gondra, 2005 e Carvalho e outros, 2011 no Dossiê “A pesquisa em história da educação em perspectiva internacional” nos Cadernos de História da Educação). Também cabe lembrar que dentre as diversas interpretações acerca dos itinerários da nossa história da educação o exame do período anterior a 1970 já foi levado a efeito com o escopo de acompanhar os primórdios da disciplina no século XIX e identificar os principais movimentos em suas dimensões institucionais e intelectuais (Vidal e Faria Filho, 2003).

Para que possamos compreender os percursos da disciplina nos países que estabeleceram intercâmbios mais frequentes com o Brasil além do acesso às produções de teses e dissertações, os mapeamentos disponíveis também são importantes. E nos três casos,

França, Portugal e Espanha já se dispõem de significativas contribuições dessa natureza. Pode-se genericamente situar traços dessas produções associando-os aos pertencimentos disciplinares originais dos pesquisadores. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma autonomia relativa da área educacional no Brasil gera, com os cursos de Pós Graduação formações específicas em história da educação articuladas em cursos de Educação ou Pedagogia e, inicialmente, mestrados e doutorados em História e Filosofia da Educação. A atenção para com esses pertencimentos aliada a outros fatores como inserções institucionais e em grupos podem auxiliar no entendimento da predominância das escolhas teóricas, construção de objetos e formas de escrita. A simultaneidade da consideração de todos esses fatores já havia se iniciado no exame da produção histórico-educacional apresentada nas reuniões da ANPed, produção esta que se constitui, na maioria dos casos, em contribuições decorrentes de projetos de pesquisa, teses e dissertações (Catani e Faria Filho, 2001). A mesma característica pode ser percebida noutros exames como o que se realizou a propósito das peculiaridades das contribuições divulgadas nas diversas edições do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Gondra, 2005). Estas análises nos permitem considerar o espaço disciplinar (campo, na acepção de P. Bourdieu) da área com suas lutas, embates e ocupação de posições. E a partir daí compreender igualmente, a indução de escolhas teóricas, periodizações, fontes e objetos peculiares aos diversos momentos.

Para citar um outro exemplo dos mapeamentos já concretizados, o balanço da produção em História da Educação no Rio de Janeiro realizado por Cláudia Alves (2005) compreendeu o período de 1972 a 2001. Ao traçar o perfil da produção, a autora reuniu os objetos de estudos em cinco grupos temáticos: políticas educacionais; intelectuais, ideias e representações; instituições de formação; movimentos sociais e educação não-escolar; currículos e práticas pedagógicas.. Alves (2005, p. 135) afirma, a partir do trabalho realizado, que foi possível encontrar “usos distintos da história”, que foram agrupados da seguinte forma: “história como ilustração do passado”, “história como recomposição de um processo”, “história como fornecedora de categorias” e “história como campo de pesquisa”. Para a autora (ALVES, 2005, p.153):

a emergência, cada vez mais frequente, de pesquisas do último tipo não elimina a ocorrência dos anteriores, sobretudo do terceiro, que também se fortaleceu em determinadas áreas, como a da leitura – com seus desdobramentos – com o aporte da nova história cultural. Essa convivência, longe de problemática, tende a enriquecer o espaço das trocas intelectuais. Os dois primeiros tipos, entretanto, tendem a ser inibidos com o fortalecimento das características de pesquisa histórica na área.

Os diversos mapeamentos feitos por regiões no caso brasileiro tornam visíveis as peculiaridades e a diversidade das temáticas investigadas, porém, desvelam também as grandes linhas de convergências que aqui estamos mostrando. Testemunho os usos dos

referenciais teóricos predominantemente franceses e a presença ainda de inspirações advindas da Espanha, Portugal e Argentina.

No que tange ao estudo do caso francês, contou-se com o levantamento e exame das teses produzidas no período (principalmente de 1990 a 2008 disponíveis na Biblioteca Nacional Serviço de História da Educação do INRP (Institut National de Recherche Pédagogique). O material está relacionado sob o título: *Bibliographie d'histoire d'éducation française*, publicado por iniciativa do INRP. Reúnem-se teses de áreas diversas como história, medicina, ciências sociais, letras, ciências da educação, filosofia e farmácia dentre outras. O fato indica uma frequência expressiva de trabalhos sobre história das instituições e do ensino levados a efeito por especialidades nas diferentes escolas universitárias. São numerosas as construções de biografias de professores dos vários níveis e domínios. Pode-se observar muitos aspectos dignos de nota: dentre os orientadores, localizados em instituições diversas localizam-se nomes que se tornaram ao longo do tempo referências recorrentes em nossa produção. É o caso, de Pierre Nora, também frequentemente referido nos textos portugueses, por exemplo. Philippe Meirieu, mais conhecido e citado nos estudos de pedagogia e formação de professores e que comparece como orientador de muitos trabalhos histórico educacionais. Raymond Bourdoncle que entre nós é conhecido pelos contributos acerca da história do sindicalismo docente. Dentre outros, Jean-Nöel Luc também figurará na bibliografia dos estudos brasileiros em anos mais recentes. Evidencia-se o fato de que investigações que concretizassem a análise de trajetórias de autores referência conectando trânsito acadêmico e ações de formação-orientação de pesquisadores poderia também concorrer para o entendimento dos processos de indução e prevalências temáticas que se exprimem na produção como “efeitos das configurações do campo”. Valeria ainda observar o fato de determinados autores e obras franceses, num primeiro momento, terem adentrado a nossa pesquisa e terem sido, logo em seguida, ultrapassados em prol do recurso à produção portuguesa. É o caso observável dos estudos sobre a imprensa periódica educacional portuguesa que rapidamente passaram a constituir a referência mais presente para nós, fazendo mais raras as menções e a consideração, por exemplo, da obra de Pierre Caspard (no caso, os repertórios analíticos da imprensa de educação e ensino e análises relativas à problemática).

Das análises e balanços já produzidos, alguns dos quais aqui lembrados, pode-se depreender uma forte presença francesa desde os primórdios de nossos estudos. O incremento das teses e dissertações apenas dá mais visibilidade ao fato e é a segunda metade da década de 1980 que se marca pela forte adesão ao padrão representado por autores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Pierre Bourdieu, Paul Marie Veyne e Michel Foucault, dentre outros. Decerto a presença desses teóricos irá se evidenciar mais fortemente na década de 1990 e nos anos 2000. Para a década de 1970 e parte da seguinte, embora se possa atestar pelo exame das referências bibliográficas a presença dos mesmos, ela é rarefeita. E cabe observar também, (como o fazem Vidal e outros autores 2005, em estudo sobre a produção histórico-educacional em São Paulo) a inclusão dos referenciais marxistas nas análises levadas a efeito desde o início no programa de pós-graduação em educação na PUC-SP.

O caso francês no que tange à História da Educação e sua produção científica analisado por P. Caspard (1979) mostra que o pertencimento disciplinar predominante entre os que estudam a área é de profissionais com formação específica em História e em segundo lugar vem os originários de Ciências da Educação e em menor número estão os advindos da Sociologia, Filosofia, Letras, Direito e Linguística. Em que o pertencimento de origem desdobrou-se nas características da produção? A maior predisposição à escolha de determinados modos de trabalho, objetos, períodos e fontes não é, certamente, independente disto.

Pode-se considerar que das apropriações aqui feitas das obras francesas uma referência forte é a de R. Chartier, que no caso abriu possibilidades para muito mais do que estava posto inicialmente pelas coordenadas das suas análises acerca do impresso e das práticas de leitura³. O adentrar da história cultural e suas referências na história da educação brasileira que se afirma no início dos anos de 1990, liga-se a este historiador mas ganha força e expressão com o recurso sistemático feito à sociologia e neste sentido a contribuição das leituras de P. Bourdieu foi clara. As referências à sua obra são explícitas nos trabalhos de história da educação e claramente concorrem para uma possibilidade de adoção de periodizações mais ligadas ao próprio campo educacional em sua autonomia relativa e menos estritamente derivadas da história política consagrada (Catani & Faria Filho, 2005).

Em um pequeno ensaio acerca do pensamento de Foucault, Bourdieu (1997) fornece alguns elementos para que indaguemos sobre as relações que aqui nos interessam quanto ao trânsito das idéias em história da educação. Lembra Bourdieu (1997, p.12): “Temos ouvido muitas frases que se iniciam com ‘para Foucault’, ‘segundo Foucault’, ‘como disse Foucault’...”. Com tais constatações prepara o caminho para observar a importância de se conhecer por que e para quem se pronunciam tais expressões. Está posto em cena o problema da citação, mas mais do que isto, o de analisar a forma e a função da citação em articulação: “com o contexto textual e o contexto social e sobretudo à posição social do autor da citação” (BOURDIEU, 1997, p.12). De um lado impõe-se, assim, aquela mesma questão de saber dos usos e modalidades de apropriação (incidental, tópica, conceitual ou do modo de trabalho, por exemplo) que favorecem a recriação, os deslocamentos ou os usos inovadores das explicações⁴. Face às questões que nos interessam, perguntemo-nos, ao realizar o jogo “segundo Chartier”, ou “para Chartier” e “para Bourdieu” ou “segundo De Certeau” nos estudos brasileiros, qual Chartier, qual Bourdieu, qual Certeau? Dito de outro modo, como em cada caso, as obras (e quais obras, partes, idéias ou conceitos) desses pensadores são apropriadas em nossa história educacional? Não parece demais lembrar o fato de que, em alguns casos, trata-se sempre da mesma obra e o mesmo trecho pode se reproduzir exaustivamente, nos trabalhos, sem que deles se procure fazer nascer novos sentidos aplicados a análises específicas de tempos e objetos.

³ Sobre a especificidade das formas de recurso a obras e teóricos cujo papel é estruturante para o desenvolvimento de pesquisas, Chartier (2002, p.146) pondera: “[...] devemos ler Bourdieu e podemos comentar Bourdieu e explicar a dificuldade de seu estilo de conceitualização. Mas o mais importante é trabalhar com Bourdieu, quer dizer, é utilizá-lo para temas que não pôde abordar, para períodos que não foram historicamente os mais importantes para ele. Trabalhar com conceitos, mas ir além, trabalhar com suas perspectivas, com a idéia de um pensamento relacional e a repulsa à projeção universal de categorias historicamente definidas”. O que o historiador afirma sobre o sociólogo pode, sem dúvida, ser revertido para a compreensão das modalidades de apropriação de seu pensamento na história da educação brasileira.

⁴ A propósito desta categorização das modalidades de apropriação ver: Catani, A. M.; Catani, D. B.; Pereira, G. R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n.17, p.63-85, maio/ago. 2001.

Se formos perseguir no interior das produções francesas (teses, dissertações) e dos estudos analíticos que foram feitos sobre elas (Julia, 1978; Caspard, 1979 e 2009; Alamercery, 2008; por exemplo) a questão das temáticas predominantes nesse primeiro momento, da década de 1970 observaremos que as marcas da história cultural conduziam reflexões de caráter histórico sobre o sistema escolar então em crise e buscava-se compreender, por exemplo, como a história das instituições escolares e do ensino se articulavam à história social. Em texto de 2009 no qual examina criticamente as relações entre história e memória indicando os modos pelos quais a questão se configurava, especialmente, nas produções educacionais, P. Caspard sugere que a história política e institucional e a história das ideias pedagógicas que concentraram o essencial dos estudos histórico-educacionais desde o século XIX agora se agregam a história social do ensino e de seus conteúdos. Com diversas ponderações sobre o alcance e o sentido da história da educação, Caspard menciona relevante questão que nem sempre tem merecido atenção: a da forma pela qual a disciplina pode ou não gerar contribuições para a cultura dos que atuam no ensino mediante obras que sintetizem o corpo de conhecimentos acadêmicos. Nesse sentido se examinamos a produção brasileira constatamos de igual modo que, embora como no caso francês, a disciplina venha multiplicando seus temas e objetos, diversificando as fontes e afirmando seus métodos de análise, conquistando assim uma legitimidade inédita é preciso sempre perguntar-se sobre o seu lugar, papel e alcance na cultura profissional dos agentes do campo.

O desenvolvimento da pesquisa contou com o exame de teses e dissertações, no caso de Portugal, no acervo do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa onde foi possível analisar, dentre o material disponível, cerca de quarenta e oito teses de doutorado entre os anos de 1981 e 2010 e 101 dissertações de mestrado, produzidas a partir dos anos 1990. Análises pormenorizadas do material português podem ser encontradas em Jorge Ramos do Ó, 1996 e 2007. Também com relação ao período anterior a 1990 estudos do caso português, espanhol e brasileiro foram reunidos por Antônio Nóvoa (1993). Tais estudos permitem conhecer características da produção do conhecimento histórico educacional que se fazia e que se considerava desejável fazer. Propugnava-se pelo fortalecimento das instâncias institucionais e representativas da área, indicação de novas pautas de pesquisa e aproximações com outras ciências, especialmente com a sociologia⁵.

Das duas análises elaboradas por Ó (1996 e 2007) uma cobre o período de 1986 – 1995 e outra o de 1990 e 2004. No texto mais recente toca-se na questão das características da produção de ciências da educação e constrói-se uma crítica severa as formas de conhecimento da área e seus limites em auxiliar a reinvenção das relações entre homens e saberes. As formas pelas quais os diversos intercâmbios, congressos, projetos e publicações entre Brasil e Portugal desde meados da década de 1980 têm sido responsáveis pela indução de temáticas, escolha de objetos e referências tornam hoje muito próximas as modalidades de produção dos dois países. Igualmente o crescimento das iniciativas de colaboração ocorreu em simultâneo à

⁵ Na obra organizada por Nóvoa, o texto referente ao caso brasileiro: “A investigação em história da educação no Brasil: As associações e sociedades de História da Educação” é da autoria de Elza Nadai. Nele, a consideração dos percursos da disciplina inclui uma análise das dicotomias entre os “lugares” dos historiadores da educação e as suas inserções disciplinares de origem.

expansão dos dois sistemas de pós-graduação. O exame das teses e dissertações produzidas em Portugal nas décadas de 1980 e 1990 torna explícito o fato de que as especificidades da organização do espaço acadêmico no país, neste período, fazem com que se concentre o maior número de trabalhos em Faculdades de Letras e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa. Segundo Ramos do Ó (1996) é a partir da década de 1990 que se dá o incremento das teses na área de Ciências da Educação. Também como no caso brasileiro há notória predominância de estudos que incidem sobre os séculos XIX e XX, sendo mais escassos os investimentos sobre os períodos anteriores. As observações sobre o caso brasileiro corroboram-se pelo exame das análises reunidas por Gondra (2005) contendo mapeamentos da produção em todo o Brasil e por outros trabalhos já mencionados aqui. Uma outra convergência refere-se ao fato de que a partir dos finais dos anos 1980 proliferam os estudos que impõem temporalidades próprias e estreitamente ligadas aos fenômenos educativos. Lembremo-nos de que tal também ocorre na produção brasileira que vem substituindo as grandes demarcações da história política pelos marcos internos do campo educacional ligados às especificidades dos objetos investigados, conforme já se ressaltou.

Há que se considerar que, nas produções histórico educacionais examinadas, raramente são citadas teses e dissertações e sim, com frequência, artigos e obras de autores que são invocados por seu papel estruturante para o delinear da pesquisa. Esta observação, válida para a produção da França e Espanha, nas duas últimas décadas, pode no que tange ao Brasil-Portugal ser relativizada. O incremento das relações acadêmicas entre os dois países, a partir do início dos anos 1990 tem favorecido apropriações mútuas de diversas modalidades com bastante intensidade. Como se sabe e levando-se em conta a especificidade das aproximações entre os dois países, Antônio Nóvoa, Rogério Fernandes, Antônio Candeias, Justino Magalhães e Jorge do O tiveram presenças significativas nos trabalhos brasileiros, a partir dos anos de 1990, principalmente no que respeita aos eixos da história da profissão docente, da leitura, da alfabetização e das instituições escolares. Outros estudiosos seguiram-se a estes na esteira da consolidação da cooperação luso brasileira como Joaquim Pintassilgo, Margarida Felgueiras, Maria João Mogarro, dentre outros.

No caso espanhol, procedeu-se igualmente ao exame de teses e dissertações a partir de listagem da Universidade Complutense de Madrid (253 no total produzidas entre os anos de 1970 e 2011) disponibilizadas em suas bibliotecas e examinadas no Serviço de Teses (Biblioteca Histórica Marques de Valdecilla). Além disso, conta-se com diversos balanços e análises das produções que têm sido divulgados em livros e artigos. E também no Dossiê já referido (Cadernos de História da Educação, 2011), Antón Costa Rico fornece um quadro das condições e características da pesquisa na área, na Espanha. Encontra-se no texto menções à predominância dos estudos relativos aos séculos XIX e XX, tal como já havíamos destacado nos exemplos dos outros países. Dentre a vasta produção considerada, a partir dos anos oitenta do século XX, renovações temáticas também se observam e, no decorrer da década seguinte, fortalecem-se investigações acerca da imprensa pedagógica, educação das mulheres, história do currículo e dos livros escolares, dentre outras. Para dar conta da complexidade das questões enfrentadas pela investigação, o autor invoca Viñao que, em 2004, marcava a

separação ao seu ver desastrosa entre a pesquisa da área, cada vez mais especializada, e os programas do ensino da disciplina quase sempre a distritos a esquemas cronológicos. Assim, indica problemas semelhantes aos que já foram explicitados por diversos estudiosos na França, em Portugal e no Brasil. Aponta a hipótese de realização de análises históricas comparativas integradas como um caminho para superar as fragmentações temáticas.

Cabe sublinhar aqui o fato das referências mais marcantes à produção espanhola, nos estudos brasileiros, terem se fortalecido nos anos 1990 quase em simultaneidade com a intensificação dos intercâmbios com Portugal. A presença, no entanto, afirma-se nos anos 2000 e concentra-se principalmente pelo recurso à obra de Antonio Viñao Frago e Agostin Escolano. Ruiz Berrio e Tiana Ferrer, Gabriela Ossenbach Sauter, Costa Rico e Narciso Gabriel também comparecem citados. Uma contribuição muito importante está representada pela obra de Guereña, Ruiz Berrio e Tiana Ferrer (2010), *Nuevas miradas historiográficas sobre la educación en los siglos XIX y XX*, que introduz maneira diversa de proceder à análise do estado da produção ao examiná-la por amplas temáticas: políticas educativas, história da infância, ensino secundário, universidade (vida universitária, aspectos institucionais, e outros), sindicalismo docente, manuais escolares, educação social e outros. Tanto pelo exame do material de teses a que se teve acesso quanto pelas constatações dos mapeamentos observa-se que o fenômeno de desenvolvimento da história da educação como “expressão do campo das ciências da educação” data, mais significativamente, dos anos 1980 e coincide com a aproximação às referências das ciências sociais. De Durkheim a Bourdieu, os registros da presença da sociologia são notáveis. Na última década do século XX, os debates sobre os modos de produção da pesquisa histórica educacional conduzem na Espanha, como nos outros países considerados, a novas modalidades de investigação, ao recurso à antropologia e às potentes inspirações da história cultural.

Poderíamos encerrar aqui pelo reconhecimento das inúmeras convergências assinaladas, temáticas, fontes, eleição e construção de objetos recorrentes nos vários países com maior ou menor coincidência temporal. Vale a pena, no entanto sublinhar mais fortemente também a indução dessas convergências no espaço luso brasileiro, no qual a multiplicação das instâncias de intercâmbio e o incremento aos projetos bi-nacionais estimula uma certa permeabilidade recíproca das características dos estudos e das modalidades de apropriações teóricas. Noutros casos essa permeabilidade, se existe, não é facilmente visível, pois muito embora tenhamos operado uma inclusão expressiva de menções a autores e aderido a aspectos dos modos de trabalho do domínio francês e espanhol, não há presença notável de referências brasileiras em suas produções. Em parte, a amplitude do acesso proporcionada pelo idioma explica o fato. Cabe assinalar incorporações de autores brasileiros feitas em pequeno número, no caso espanhol, em estudos que incidem sobre períodos recentes, como as décadas de 1970 e 1980, e em particular sobre a questão da educação de adultos, quando a presença de Paulo Freire é incontornável. Tal observação também se confirma em alguns trabalhos feitos em Portugal.

Em nosso entender as análises aqui delineadas devem prolongar-se, dentre mais, agora na especificação dos processos aludidos no texto, processos de indução e permeabilidade na produção brasileira de modo a tornar visíveis as implicações de dimensões institucionais e de posições dos agentes no campo educacional. Tal empreendimento, sem dúvida, apresenta elementos da imprescindível reflexividade que deve ser marca da produção científica em ciências humanas e assim, em educação.

Referências

ALAMERCERY, V. L'historiographie française de l'éducation. Essai de cartographie de ses objets et de ses auteurs. **Histoire de l'éducation**, n. 117, p. 97-116, 2008. <https://doi.org/10.4000/histoire-education.563>

ALVES, C. A escrita da história da educação na pós-graduação do Rio de Janeiro (1972-2001). In: GONDRA, J. G. **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A.

BOURDIEU, P. Que és hacer hablar a um autor: A propósito de Michel Foucault. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Compilación y traducción: Isabel Jimenez. Siglo XXI Editores: México.1997. p.11- 20.

CARVALHO, C. H. *et al.* História da Educação no Brasil: pesquisa, organização institucional e estratégias de divulgação científica. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, p.45-67, jul-dez. 2011.

CASPARD, P. La recherche en histoire de l'éducation: resultats d'une enquete. **Histoire de l'éducation**, n. 2-3, p.6-17, 1979. <https://doi.org/10.3406/hedu.1979.929>

CASPARD, P. L'historiographie de l'éducation dans un contexte mémoriel. Réflexion sur quelques évolutions problématiques. **Histoire de l'éducation**, n. 121, p. 67-82, 2009. <https://doi.org/10.4000/histoire-education.1828>

CATANI, D.B.; FARIA FILHO, L.M. Um lugar de produção e a produção de um lugar : a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.113-28, jan-abr 2001.

CHARLE, C.; SCHRIEWER, J.; WAGNER, P. (compiladores). **Redes intelectuales transnacionales – Formas de conocimiento académico y búsqueda de identidades culturales**. Barcelona – México: Ediciones Pomares S.A, 2006.

FERRER, A.T.; et al. **Temas de Historia Contemporânea (Historia de la Educación de los sistemas educativos contemporâneos)**. Madrid: UNED, 1998.

GONDRA, J.G. (org). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GUEREÑA, J.L., RUIZ BERRIO, J., TIANA FERRER, A. (Eds.). **Nuevas miradas historiográficas sobre la educación en los siglos XIX y XX**. Madrid: IFIE Ministerio de Educación, 2010.

JULIA, D. Les recherches sur l'histoire de l'éducation en France au siècle des lumières. **Histoire de l'éducation**, n. 1, p. 17-38, 1978. <https://doi.org/10.3406/hedu.1978.911>

NÓVOA, A. **Histoire & Comparaison (Essais sur l'Éducation)**. Lisboa: Educa, 1998.

NÓVOA, A.; BERRIO, J.R. (org.). **A história da Educação em Espanha e Portugal: investigações e actividades**. Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação, 1993.

NÓVOA, A.; SCHRIEWER, J. (org.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000.

Ó, J.R. Teses em História da Educação (1986-1995). **Análise Psicológica**, v. XIV, nº4, p.523-533, out-dez.1996.

SAUTER, G.O. "Research into the History of Education in Latin American. Balance of the Current situation". **Paedagogica Historica: International journal of the History of Education**, v. 36, n.3, p.841-868, 2000.

SCHRIEWER, J (compilador). **Formación del discurso en la educación comparada**. Barcelona: Ediciones Pomares, 2002.

SIROTA, R. **Autour du comparatisme en éducation**. Paris: Presses Universitaires de France (PUF): 2001.

VIDAL, D.G.; FARIA FILHO, L. M. de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23. n.45. p.37-70, 2003.